

EUA detectam associação entre o uso da fórmula e a ocorrência da síndrome de Guillain-Barré. Especialistas enfatizam que a taxa é rara — foram 100 casos em um universo de 12,8 milhões de imunizados — e que os benefícios do uso do fármaco se sobressaem

Risco de efeito neurológico após vacina da Janssen

» VILHENA SOARES

Administrado em dose única, o imunizante contra a covid-19 desenvolvido pela Janssen, divisão de vacinas da empresa Johnson & Johnson, apresenta risco de desencadeamento de uma doença autoimune rara: a síndrome de Guillain-Barré (GBS, em inglês). O alerta foi feito ontem pelo Centro de Controle de Doença (CDC), dos Estados Unidos, após revisar dados de imunizados no país. O órgão enfatizou que o risco de ocorrência da complicação é muito baixo, e que os benefícios gerados pelo fármaco protetivo se sobressaem consideravelmente.

“Nos Estados Unidos, quase todas as hospitalizações e mortes por covid-19 estão ocorrendo, agora, em pessoas não vacinadas. O risco de eventos adversos graves após a vacinação permanece raro. Recomenda-se que todas as pessoas com 12 anos ou mais de idade recebam um imunizante”, orientou o CDC em comunicado.

Foram identificados 100 casos de GBS entre os 12,8 milhões de imunizados com a fórmula de dose única. Desses, 95 demandaram hospitalização, e uma pessoa morreu. Segundo o CDC, a maioria dos casos da doença autoimune relatados após o uso da vacina ocorreu cerca de duas semanas após a aplicação do fármaco e, principalmente, em homens — muitos com 50 anos ou mais.

A GBS é um distúrbio neurológico no qual o sistema imunológico do corpo danifica as próprias células nervosas, causando fraqueza muscular ou, nos casos mais graves, paralisia. “Essa enfermidade ocorre quando você tem uma reação exagerada do sistema imune. Ela gera uma inibição da atividade motora dos nervos periféricos, que faz com que o paciente sinta muitas dores”, explica Luciano Lourenço, clínico geral e chefe da Emergência do Hospital Santa Lúcia, de Brasília.

Segundo o médico brasileiro, outras vacinas estão associadas à ocorrência da GBS, como a da febre amarela, a da gripe sa-

zonal e a de herpes-zóster, e é difícil estabelecer uma relação de causa e efeito entre as fórmulas e o distúrbio neurológico. (Leia Para saber mais) “A síndrome pode, sim, ter sido desencadeada pela vacina (da covid), mas não temos como provar. Pode ser que o paciente já tivesse uma predisposição à doença. É uma dúvida que surge sempre que avaliamos o uso de imunizantes, e que só vamos ter certeza de como ocorreu com mais análises”, justifica. Nos Estados Unidos, de acordo com a CDC, anualmente, cerca de 3 mil a 6 mil pessoas desenvolvem a GBS, e a maioria delas se recupera totalmente.

Em análise

Após a divulgação das informações, a Johnson & Johnson publicou um comunicado em que informou estar ciente dos dados observados pelos especialistas do CDC, e que mantém conversas com o FDA, a agência que controla o comércio de medicamentos e alimentos nos EUA. “Temos discutido com a FDA e outros reguladores sobre casos raros do distúrbio neurológico, a síndrome de Guillain-Barré, que foram relatados após a vacinação com a vacina Janssen covid-19 (...). A chance de que isso ocorra é muito baixa”, declarou. A FDA informou que incluiu uma informação sobre um “aumento do risco” do desenvolvimento da GBS ao imunizante.

No início do ano, os dois órgãos estadunidenses interromperam o uso da vacina da Janssen devido ao risco de um tipo raro de complicação de coagulação sanguínea principalmente em mulheres. A pausa foi suspensa em abril, após os especialistas concluírem que a probabilidade de ocorrência era baixa e a condição adversa, tratável. A embalagem da vacina foi atualizada para alertar sobre a possibilidade desse efeito.

Para Luciano Lourenço, os dados divulgados e as medidas adotadas eram esperados e não devem assustar a população. “Qualquer medicamento pode gerar algum dano colateral, e es-

ses efeitos adversos são vistos com frequência ainda maior quando a droga é aplicada em uma grande quantidade de pessoas, que é o que está acontecendo no caso da covid-19, em que precisamos de todos imunizados”, justifica. “É algo que precisa ser avaliado com cuidado, mas, como os especialistas ressaltaram, os benefícios da vacina superam esse risco, o que reforça a necessidade de continuar com a utilização do fármaco e manter sempre a vigília, que é o que esses órgãos responsáveis estão fazendo.”

Para Luciano Lourenço, os dados divulgados e as medidas adotadas eram esperados e não devem assustar a população. “Qualquer medicamento pode gerar algum dano colateral, e es-

Angela Weiss/AFP



Vacinação com fórmula da Janssen: outros imunizantes, como o da gripe e o da febre amarela, também pode estar ligados à síndrome



Nos Estados Unidos, quase todas as hospitalizações e mortes por covid-19 estão ocorrendo, agora, em pessoas não vacinadas. O risco de eventos adversos graves após a vacinação permanece raro”

Trecho do comunicado divulgado pelo Centro de Controle de Doença

Qualquer medicamento pode gerar algum dano colateral, e esses efeitos adversos são vistos com frequência ainda maior quando a droga é aplicada em uma grande quantidade de pessoas”

Luciano Lourenço, clínico geral e chefe da Emergência do Hospital Santa Lúcia, de Brasília

» Para saber mais

Relação também com o zika vírus

Em 2016, pesquisadores internacionais observaram um aumento no número de casos da síndrome de Guillain-Barré na mesma época em que o zika vírus se estabeleceu em sete países. O estudo, publicado na revista especializada New England Journal of Medicine, foi conduzido por cientistas da Organização Pan-

Americana de Saúde (Opas), que analisaram as taxas das duas enfermidades no Brasil, na Colômbia, na República Dominicana, em El Salvador, Honduras, Suriname e Venezuela.

Analisando dados coletados em relatórios oficiais governamentais, os pesquisadores avaliaram 164.237 casos confirmados e

suspeitos de infecção do zika e 1.474 casos de Guillain-Barré entre 1º de abril de 2015 e 31 de março de 2016. A equipe detectou uma associação próxima entre o aumento dos casos de zika e o dos de Guillain-Barré. À medida que as infecções do zika diminuíram nos países avaliados, a incidência da doença autoimune também.

Mais indícios de que cloroquina não funciona

Nova pesquisa científica mostra que o uso de hidroxiquina não gera benefícios a pacientes com covid-19. O trabalho foi feito por cientistas noruegueses, que avaliaram um grupo de mais de 100 pacientes hospitalizados com a enfermidade. Os especialistas observaram que a administração do medicamento antimalárico e da droga antiviral remdesivir não provocaram melhoras nos indivíduos tratados. Os dados foram apresentados na última edição da revista especializada *Annals of Internal Medicine*.

O trabalho faz parte do projeto Solidarity, que é liderado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e tem como foco a busca por medicamentos para combater a covid-19. Na pesquisa, especia-

listas do Hospital Universitário de Oslo e alguns colaboradores designaram, aleatoriamente, 181 pacientes hospitalizados pelo novo coronavírus em 23 hospitais do país europeu. Parte do grupo recebeu o medicamento remdesivir (42 dos participantes), outra parcela hidroxiquina (52) e o restante (87) passou apenas pelo atendimento padrão, com medicamentos que controlam os sintomas da infecção pelo Sars-CoV-2.

Nas análises, os pesquisadores não encontraram diferenças significativas entre os grupos. “Resolvemos avaliar o grau de insuficiência respiratória e inflamação e também a depuração viral na orofaringe. Vimos que nenhum dos medicamentos causou alterações nos dois primei-

Martin Silva/AFP



ros. Houve apenas uma diminuição significativa na carga de Sars-CoV-2 na orofaringe durante a primeira semana, mas isso foi re-

gistrado em todos os grupos”, explicaram os autores do estudo, que foi liderado por Anders Bayer. A equipe observa que mais

pesquisas podem ser feitas, a fim de avaliar outros dados ligados à covid-19, como a mortalidade. Também indicam a realização da

sondagem em outros países.

Para Luciano Lourenço, clínico geral e chefe da Emergência do Hospital Santa Lúcia, de Brasília, os dados observados, em conjunto com os resultados de pesquisas anteriores, ajudam a provar que alguns medicamentos, como a cloroquina, não são a melhor opção para tratar pacientes com covid-19. “Temos já mais de um ano de estudos sobre essa enfermidade, e as pesquisas caminham, agora, pelo mesmo rumo. Temos mais clareza de que drogas ainda podemos apostar e testar, enquanto outras precisam ser descartadas. E esse é um caminho que sempre temos que percorrer quando temos uma enfermidade nova. Testar até conseguir uma opção válida.”

Cientistas testaram a droga em 23 hospitais da Noruega e não identificaram melhoras em hospitalizados devido à covid-19